



## A construção da realidade da comunidade LGBT através de fotografias: um estudo sob a perspectiva de Boris Kossoy

Ciro Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** É do cotidiano das redações jornalísticas fazerem o uso da imagem para ilustrar textos, por isso este artigo traz uma reflexão com os textos do pensador da fotografia Boris Kossoy que ajuda a entender o papel da fotografia para além e ilustrar, mas também como um construtor adjunto do significado. O objetivo deste trabalho é traçar um paralelo do pensamento de Kossoy com o uso das identidades LGBTT e suas representações na mídia impressa. Foram analisadas três fotografias das revistas *Veja* e *Carta Capital*, das quais foi possível perceber que há um uso saturado de algumas fotografias que não levam o leitor à reflexão e também que, assim como defendia o autor, os fatos são apenas plano de fundo para o que se faz deles, ou seja, suas representações é que irão construir a memória de um indivíduo.

**Palavras-chave:** Boris Kossoy; representação; identidade; LGBTT; fotografia.

### Introdução

Diariamente imagens são veiculadas na mídia brasileira e muitas vezes, carregam consigo um status de veracidade que foi fixado com o tempo. Discute-se muito o impacto cultural que o texto pode alavancar, mas pouco questiona-se o papel e o desdobramento dessas imagens no meio social. Este artigo tem o objetivo de fomentar esta discussão analisando três fotografias publicadas nas revistas *Carta Capital* e *Veja*, nas editoriais *Retratos Capitais* e *Imagens da Semana*, exatamente por terem como proposta central a imagem na comunidade LGBT. Trata-se de três fotografias veiculadas nos anos de 2016 e 2017 que, de alguma forma, conversam com essa comunidade.

Para delinear a fundamentação teórica, o artigo adota a perspectiva de Boris Kossoy sobre a fotografia e seus mitos. Além disso, utiliza de conceitos de outros auto-

---

<sup>1</sup> Mestrando do curso de Comunicação da FCL, SP, e-mail: ciro\_martins@outlook.com

res que discutem a fotografia como Martine Joly e Andrei Tarkovsky que, de alguma forma, conversam com Kossoy. Dito isso, o trabalho recorre a autores que discutem as questões das identidades, representações e memória, tais como: Carlos Alberto Carvalho, Renato Ortiz e João Freire Filho.

Por se tratar de um estudo imagético é necessário reforçar que para este artigo a fotografia é o viés principal de análise, trazendo o texto que a acompanha como construtor adjunto da representação e não condutor único e exclusivo da significação.

As três imagens possuem um papel importante no campo de significar e, portanto, na representação da comunidade LGBT. Por isso devem ter cautela ao trabalhar com estereótipos e na perpetuação dos mesmos. Deste modo, é construída a seguinte hipótese: mais importante do que essas fotografias dizem, é o que elas deixam de dizer. Isto é, ainda atualmente há um descuido ao pensar em imagens e, se tratando de representações dessa comunidade, as revistas pecam mais no que silenciam do que no que mostram.

### **Construção da realidade**

Para que a análise feita no fim deste artigo tenha o efeito desejado é necessário que se discuta o que de fato é representar e qual o papel da fotografia nesse âmbito.

Kossoy (2007) define fotografia como sendo:

Memória enquanto registro da aparência dos cenários, personagens, objetos, fatos; documentado vivos ou mortos, é sempre memória daquele preciso tema, num dado instante de sua existência/ocorrência. É o assunto ilusoriamente re-tirado de seu contexto espacial e temporal, codificado em forma de imagem. Vestígios de um passado, admiráveis realidade em suspensão, caracterizadas por tempos muito bem demarcados: o de sua gênese e o de sua duração (KOSSOY, p. 131, 2007).

Ao falar dos tempos demarcados, o autor se refere ao que ele chama de *Os Tempos da Fotografia*, definição que adota como título de seu terceiro livro que sucede *Fotografia e História e Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. A trilogia de livros se dedica a entender a imagem como construtora de sentidos e não uma captura inquestionável da realidade. Para ele, uma fotografia possui dois tempos: o da criação e o da representação. Sendo o da criação quando acontece a gênese da imagem “instante único da tomada de registro no passado, num determinado lugar e época” (p.133, 2007). É o

que podemos chamar quando ocorre o primeiro clique da fotografia, o instante em que ela é tirada e, portanto, criada. Porém, para o autor ela não se restringe a este tempo, há mais um processo que vai dar a característica da fotografia como construtora de significado. O tempo da representação é o que Kossoy chama de segunda realidade, “onde o elo imagético, codificado formal e culturalmente, persiste em sua trajetória na longa duração” (p.133, 2007). Portanto, trata-se de dois tempos: um que tem como característica sua efemeridade, o da criação. “O tempo da criação se refere ao próprio fato, no momento em que este se produz, contextualizado social e culturalmente. É, no entanto, um momento efêmero, que desaparece, volatiliza-se, está sempre no passado, insistentemente” (KOSSOY, p.134, 2007).

E um segundo que se torna perpétuo através da representação, um registro fixado na memória.

No tempo da representação, os assuntos e fatos permanecem em suspensão, petrificados eternamente, perpétuos se conservados: peças arqueológicas, cuja poeira do tempo removemos cuidadosamente, na tentativa de descortinarmos as sucessivas camadas que constituem sua espessura histórico-cultural, sua memória (KOSSOY, p. 135, 2007).

Aqui podemos ser feito um paralelo com a linha de pensamento de Andrei Tarkovsky e sua percepção de memória. Para o cineasta e pensador russo, tempo e memória são fatores que andam juntos e tornam-se essenciais para a existência humana atrelada à moralidade.

E a vida não é mais que a fração de tempo que lhe foi concedida, durante a qual ele pode (e, na verdade, deve) moldar seu espírito de acordo com seu próprio entendimento dos objetivos da existência humana. No entanto, a rígida estrutura na qual ela se insere torna nossa responsabilidade para conosco e para com os outros ainda mais flagrantemente óbvia. A consciência humana depende do tempo para existir (TARKOVSKY, p. 65, 1998).

Assim, cabe à fotografia o papel de construir memória. Se Kossoy, como foi dito anteriormente, defendia que as representações construídas através da fotografia se tornaram parte da memória, daquilo que entende-se como mundo, muitas das imagens que são veiculadas na mídia irão, como defendia Tarkovsky, ajudar a formar a noção de moral de cada um.

Porém, não se trata de um processo que permanece imóvel. Ortiz (1994) defende que pelas representações condizerem com o contexto em que estão inseridas não se po-

de pensar na memória como estática, uma vez que tradições não são mantidas na sua forma integral.

Desta forma, toda e qualquer imagem está sujeita a uma interpretação diferenciada, exatamente por imprimir um retrato da realidade e não se tratar de um documento como defende o autor. Para ele, este status de evidência pode ser manipulado por diversos recursos políticos, midiáticos e estatais que, alteram e conduzem o objeto fotográfico. Kossoy (2007), ao falar de mesmas imagens que são utilizadas em contextos diferentes, como as de agências de notícias, arquivos das redações e banco comerciais de imagens, diz que estas estão “sujeitas a intervenções cirúrgicas” (p.140, 2007), que de alguma forma manipulam e adaptam as fotografias conforme os seus interesses, retirando dela todo o seu contexto histórico e alterando o seu significado. “Os fatos pelos fatos, esses não se sustentam, numa sociedade ávida por representação e pela notícia-espetáculo (...) É a vitória da máscara fantasmagórica sobre o ser original” (p.141, 2007). Sendo assim, os fatos servem para plano de fundo do que é significado através deles, isto é, as representações imagéticas possuem um papel mais determinante do que o fato em si.

### **As identidades da comunidade LGBT e suas representações**

Quando se fala em LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) é possível criar algumas imagens mentais que foram perpetuadas pela mídia. Para Ortiz (1994), “quando colocamos a identidade como um elemento de segunda ordem, estamos implicitamente nos referindo aos agentes que a constroem” (p.139, 1994). Assim, é vital para a memória coletiva e para a construção da identidade nacional o cuidado desses mediadores intelectuais, como a mídia.

As mídias, por sua vez, pautadas por acontecimento programados e produzidos tendo-as como alvo, além da sociedade (paradas do orgulho LGBTTT e datas da conscientização contra a homofobia, por exemplo), ou por acontecimentos diversos (assassinatos motivados por ódio homofóbico, dentre outras formas de intolerância), são responsáveis por parcela significativa do que se difunde socialmente acerca do tema, ainda que, muitas vezes, ocultando determinadas ocorrências ou aspectos relevantes de fatos noticiados (CARVALHO, p.9, 2012).

O que nos traz de volta para Kossoy quando o autor fala sobre o perigo da banalidade imagética que é construída através destes agentes, no qual “as imagens passaram

a ser apreciadas mais rapidamente e, pelo volume e redundância, beiram à saturação” (p.135, 2007).

A realidade está nas imagens, não no mundo concreto, pois este é efêmero e aquela, perpétua. A realidade das imagens é a realidade da sombra, sem carne, sem sangue... A realidade das imagens é a da aparência do duplo, dos corpos possuídos ou tomados do real, substitutos ilusórios de seus modelos em escala real, tridimensional; simulacros que, no espaço e no tempo, passam a ocupar o seu papel da vida eterna, posto que infinitos na duração. Representações vazias, plenas de aparência e de significados perdidos (KOSSOY, p.142, 2007).

Neste trecho destacado, o autor confronta a ideia de veracidade que é atribuída à imagem, tendo em vista que tudo o que a compõe é uma falsa noção de realidade, são representações de seus personagens, objetos e contextos. É uma defesa de um ponto de vista que toma os corpos envolvidos, porém torna-se infinita por ser imagem. O que não é único é o seu significado que muda conforme a percepção de cada um e mais ainda, com a memória coletiva. “A perpetuação da memória é, de uma forma geral, o denominador comum das imagens fotográficas: o espaço recortado, fragmentado, o tempo paralisado; uma fatia de vida (re)tirada de seu constante fluir e cristalizada em forma de imagem” (KOSSOY, p. 133, 2007).

Hall (1994) defendia que as identidades culturais, sejam elas quais forem, abarcam um contexto histórico e cultural e, por isso, estão sujeitas a transformações. Logo estão distantes de serem ideias fixas, uma vez que estão sujeitas a jogos de poder e mudanças culturais. O que reforça o discurso de Kossoy, já que as imagens são infinitivas em termos de memória, cabe ao jornalismo não só ter o cuidado ao retratar essas identidades, mas também e acompanhar as mudanças sociais que acontecem em relação à comunidade LGBTTT.

Olhando no ponto paralelo a isso, podemos pensar que reside também na imagem a oportunidade de criar novos vínculos com as identidades marginalizadas e, portanto, modificar suas representações. É o que defende Martine Joly (2003, p. 221) quando reconhece que a imagem midiática tem o potencial não só de prejudicar, mas também de reconhecer e integrar os indivíduos de uma sociedade. Reforçado também por Carvalho (2012) quando diz que “ao promover (in)visibilidades, o jornalismo participa, ao lado de outros atores sociais, dos processos de construção social da realidade” (p.16, 2012) e, por isso, torna-se um importante ator social.

## Representações imagéticas LGBTT nas revistas *Veja* e *Carta Capital*

Com o aporte teórico discutido anteriormente este artigo traz uma análise das três imagens veiculadas nas revistas, tendo como principal viés de discussão a percepção de Boris Kossoy sobre a fotografia e suas representações.

A primeira fotografia (Figura 1) foi publicada na *Veja* no dia 27 de abril de 2016, na editoria de “Imagens da semana”. Logo se trata de fotografias que marcaram de alguma forma o período. A foto (Figura 1) foi feita por Diego Vara e pertence à agência de notícias RBS. Já podemos traçar aqui um paralelo com a discussão de Kossoy quando ele defende que essas agências e arquivos de redação tendem a banalizar uma imagem, pois uma mesma imagem é utilizada em diferentes veículos, com diferentes contextos e em diferentes épocas.



(Figura 1)

A fotografia (Figura 1) isolada do texto não diz muita coisa, apenas que há homens engravatados e um deles, mais destacado que o resto, cospe no outro personagem da foto que não é revelado, pois está de costas. O que traz uma noção temporal e histórica para esta fotografia é o texto ao lado. É importante ressaltar que o objetivo deste artigo não é fazer uma análise dos textos que acompanham as fotografias, mas sim delas propriamente ditas. Nele o jornalista Diego Schelp com o título “A irrelevância dos ex-

tremos” diz que se trata do momento em que o deputado Jean Wyllys (o homem com um cachecol vermelho) cospe em outro deputado Jair Bolsonaro (o homem com as mãos levantadas e de costas para a câmera) durante a votação do Impeachment da então presidenta Dilma Rousseff. Ambos os políticos são ativistas de seus interesses e deputados federais, sendo o primeiro defensor dos direitos LGBTT e assumidamente homossexual, e o segundo mais conservador. O momento da foto teria acontecido por uma provocação homofóbica de Jair Bolsonaro a Jean Wyllys.

O texto ao lado da foto situa o leitor no momento da foto, em sua gênese, sua criação. Porém, leva-o ao segundo tempo da fotografia como dizia Kossoy, que é o da representação, sendo esta a forma como o leitor irá decodificar a imagem e interpretá-la. Por isso, alguém que desconheça o contexto político desta foto, seus personagens e os pontos de vista que cada um deles defende, dificilmente irá atribuir um significado coeso a esta foto e tampouco irá se lembrar dela. Por isso Kossoy (2007) destaca que o fato por si só não possui grande importância perto do que é significado dele, sua representação.

Talvez o problema da foto resida em não trazer uma reflexão sobre o problema, no sentido de que toda a explicação da foto teve que ser feita por meio de texto, uma vez que a imagem, talvez por ter sido intensamente compartilhada em diferentes meios de comunicação, não conseguiu acarretar toda essa bagagem.

A segunda fotografia (Figura 2) foi publicada no dia 15 de março de 2017 também em “Imagem da semana”, desta vez de um ensaio fotográfico pelo estúdio *UALL!* O texto é também de Diogo Schelp.



(Figura 2)

Sem o texto é possível recuperar pouco da imagem, tratando-se de dois homens, um beijando a mão do outro, com roupas sociais e uma câmera apontada para eles. É possível presumir, através de representações constantes na mídia, que é um casal homoafetivo que possivelmente está se casando. O que talvez nos leve ao estereotípico de que quando dois homens trocam afetos, necessariamente são um casal. Quando na verdade poderia se tratar de dois irmãos, dois amigos, talvez até mesmo pai e filho.

De forma análoga, o termo designa, também, o uso dos variados sistemas significantes disponíveis (textos, imagens, sons) para “falar por” ou “falar sobre” categorias ou grupos sociais, no campo de batalha simbólico das artes e indústrias da cultura (FREIRE FILHO, p. 18, 2005).

O texto traz um viés político para imagem que é um projeto para mudar na constituição a designação da entidade familiar como sendo entre “homem e mulher” para “entre duas pessoas”. Um problema desta imagem é que ela vem para ilustrar o texto e pouco diz sobre a mudança constitucional nela própria, reforçando o estereótipo de que dois homens juntos, um beijando a mão do outro, são homossexuais. Isto acaba residindo no que Kossoy (2007) atribuía à relação da fotografia como memória, sendo esta um registro de seus personagens.

A fotografia tem se prestado, desde sua invenção, ao registro amplo e conclusivo da experiência humana. A memória do homem e de suas realizações tem se mantido sob as mais diferentes formas e meios graças a um sem número de aplicações da imagem fotográfica ao longo dos últimos 170 anos (KOSSOY, p. 132, 2007).



A terceira (Figura 3) e última foto deste artigo é da revista Carta Capital, do dia 17 de junho de 2016. A imagem é da agência de notícias internacional Reuters. Assim, as três fotos não são exclusivas e pertencem a banco de imagens, agências noticiosas e estúdios de fotografia, o que já preocupava Kossoy sobre a banalidade do uso intensivo de mesmas imagens em diferentes contextos.

Na imagem (Figura 3) é possível ver uma mulher com pose similar a de Jesus Cristo quando foi crucificado, ou pelo menos a imagem que foi construída do ato. Na fotografia se pode ler “Basta Homofobia LGBT” na cruz, o que deixa a entender que esta mulher pertence a essa comunidade, podendo ser uma mulher transexual ou lésbica. A foto por si só não esclarece qual o vínculo dessa mulher com a comunidade, mas traz a reflexão e analogia de que homossexuais, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis são diariamente mortos e, no caso crucificados, por não estarem de acordo com as normas sociais. A imagem não chega a trazer uma reflexão profunda do tema, pois não cuida dos elementos que compõe a foto, por exemplo, a bandeira ao lado da mulher traz as cores vermelha, amarela e verde, podendo remeter a outros movimentos como o do *raggae* e não o LGBTT.

## Retratos Capitais

POR STRINGER BRAZIL/REUTERS/LATINSTOCK



**Hosana nas alturas.** A versão LGBT de Cristo interpretada pela transexual Viviany Beleboni na Parada Gay causou furor em círculos religiosos. A atriz foi ameaçada de morte e um deputado propôs criminalizar a "cristofobia"

(Figura 3)

É com o aporte da legenda que se permite entender melhor a situação. Trata-se de uma modelo e atriz transexual que desfilou em um carro alegórico na parada gay estando crucificada.

O que permite um maior entendimento desta foto é a memória que se tem de Jesus sendo crucificado. Kossoy (2007) discute sobre essa memória ao falar de dois tipos de iconografia:

De um lado, a iconografia “verdade”: de outro, também a iconografia, porém acrescida de componentes ficcionais, ou de outras verdades. A primeira se refere a uma memória engendrada pela vida; a segunda a uma memória *in vitro*, sintética, uma máscara sem rosto, sem um tempo histórico, independente da natureza (KOSSOY, p.139, 2007).

## **Considerações finais**

Com todo o estudo de Kossoy pode-se entender a imagem como uma construção ilusória da realidade, uma representação da gênese da fotografia. E por se tratar de uma representação, estas fotografias estão constantemente sendo ressignificadas com o tempo.

Se tratando de uma representação de identidades, como as da comunidade LGBTT, é preciso que os veículos de informação tenham o constante cuidado de acompanhar as mudanças sociais e culturais para quebrar estereótipos e trazerem uma discussão mais profunda ao tema e imagens que de fato tragam reflexão e, possivelmente, uma mudança no comportamento.

As fotografias estudadas com o aporte de Kossoy reforçam dois pontos que o autor destacou em sua bibliografia: há um constante uso dos bancos de imagens e agências de notícias que faz com que se perca a originalidade de uma fotografia e a torna banal no meio social e, por torna-se banal, a fotografia não leva o seu receptor ao momento de reflexão; o segundo ponto é de que pouco importa o fato propriamente dito, mas sim o que é feito dele, sua representação. A efemeridade do momento em que a foto é tirada torna-se frágil perto do real potencial de significação que o leitor faz da imagem, tendo consigo sua memória e noção de mundo.

Deste modo, é necessário que as redações jornalísticas entendam o real potencial que uma imagem possui, tanto o de diminuir a importância de algo ocorrido, como o de dar visibilidade a problemas sociais. A comunidade LGBT, por sofrer retaliações físicas e verbais, é cada vez mais um tópico necessário no ambiente jornalístico. As representações dessas identidades provêm dos textos, mas também, com grande importância das fotografias que ajudam a construir a imagem e, conseqüentemente, a memória coletiva da sociedade sobre o tema. É com a ajuda das representações imagéticas que se pode perpetuar estereótipos ou quebrá-los.

## **Bibliografia**

C. A. **Jornalismo, Homofobia e Relações de Gênero**. 1 ed. – Curitiba: Appris Ltda. 2012.

FREIRE FILHO, J. Força de expressão: contrução, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 28, p. 18-29, 2005.

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.24, p. 68-75, 1996.

JOLY, Martine. **La interpretación de la imagen: entre memoria, estereotipo y seducción**. Barcelona: Paidós, 2003.

KOSSOY, Boris. **Os Tempos da Fotografia – entender a história da imagem para entender a nossa história**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5ª Ed., 9ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2006.

REUTERS. **Revista Carta Capital**. São Paulo. Ed. 854, 17 jun. 2015. P. 78.

SCHELP, D. A irrelevância dos extremos. **Revista Veja**. São Paulo. Ed. 2475, n. 17, 27 abril 2016, P. 32.

SCHELP, D. Mais um passo à frente. **Revista Veja**. São Paulo. Ed. 2521, n. 11, 15 mar. 2017. P. 28-29.

TARKOVSKY, A. **Esculpir o tempo**. 2 ed. - São Paulo : Martins Fontes. 1998.